

## REVISTA DE PORTUGAL

DIRECTOR EÇA DE QUEIROZ



«Uma Revista, organizada conforme o typo que por toda a parte a popularidade consagrou—diz o programma—é uma publicação que offerece nas suas paginas (para enumerar apenas os generos mais facilmente classificaveis)—produções originaes no Romance e na Poesia; Critica litteraria, artistica, e dramatica; estudos de Historia, de Philosophia, de Sociologia, de Economia, de Pedagogia; memorias scientificas, biographias; relação de viagens e de costumes; apreciações dos actos legislativos e administrativos; analyses dos problemas nacionaes; commentarios do estado politico.—Ora todos estes trabalhos, e as ideias, os factos ou as obras sobre que elles versam, são para o Publico d'uma importancia individual e directa; d'elles dependem a educação do seu espirito, e por vezes os interesses da sua existencia: e o Publico é portanto prejudicado quando, pela falta d'uma Revista onde esses trabalhos se produzam, não possa aproveitar do ensino, do conselho e da luz que elles contemham.»

A *Revista de Portugal* quer pois preencher a lacuna aberta na vida intellectual portugueza, pela falta de uma publicação de folgo e de caracter. Para isso chama ella a capitulo todos os bons espiritos, que na sciencia ou na arte mais ou menos têm feito as suas armas, e entrega-lhes as suas paginas, confiada no entusiasmo de todos, escriptores e publico, para o engradecimento e triumpho d'uma tão bella causa. No commando da guerrilha que se propõe ferir, em plena apathia publica, esta sympathica batalha do espirito, está Eça de Queiroz, o mais extraordinario artista da raça militante, e aquelle que pelas mordentes graças da sua virtuosidade, mais fascinação produz em toda a terra que falle a nossa lingua.

Tanto basta para affirmar que a *Revista de Portugal* venha a ser uma publicação d'escolha, fecunda e forte, que destrave as lettras da somnolencia hibernal em que as vemos a dormir actualmente.

## Por ahí...



O barometro da politica anda pelo barometro do Ribeiro oculista. Tempo secco, firme, primaveral; no mostrador da rua do Oiro: atmospherica clara, limpida, sem nuvens, em toda a linha dos artigos do fundo.

Chegamos a acreditar que o sr. José Luciano, que é estadista dos accordos por excellencia, o homem que accorda com a mesma facilidade com

que o sr. Henrique de Macedo adormece, levou d'esta feita a sua perspicacia governativa ao ponto de conseguir um accordo com o Todo Poderoso lá de cima e em que este lhe garantisse a serenidade e a paz atmospherica, em permuta da paz e da serenidade politica, igualmente garantida pelo Todo Poderoso cá de baixo.



Pessimistas ha que pretendem que esta bonança politica não seja mais de que o prenuncio de uma horrenda tempestade, prestes a desencadear-se no oceano de S. Bento.

Na opinião d'esses pessimistas a politica encasulou com o adiamento das camaras, e no estado de crysalida se conservará até o proximo dia 2 de abril, rompendo-se então o casulo e saindo cá para fóra a funcsta borboleta de azas negras que, esvoaçando irrequieta, lançará pelo caminho além uma longa estria de milhares e milhares de sementes— que para o caso bem poderão ser consideradas as sementes da discordia!



Mas nós é que não acreditamos em semelhante coisa.

Se a reabertura das camaras se desse no inverno, seria effectivamente para temer um temporal desfeito que varresse enxarcias e mastrições.

No inverno a concorrência á camara, de deputados de todas as parcialidades, seria enorme, por isso que no tempo frio nada ha de melhor de que o calor—quando menos da discussão—e no conchego agasalhado do parlamento passam-se agradavelmente as horas fastidiosas que antecedem o prato João Pinto Ribeiro, isto é, o prato restaurador da sopinha de macarronete.

Mas agora na primavera e sobretudo com esta deliciosa primavera, o caso muda muito de figura.

As tardes já grandes, temperadas, deliciosas, convidam mais a tomar o caminho das Picoas de que o do largo de S. Bento, e isso nos leva a crer que a maioria dos srs. deputados—tanto a maioria da maioria como a maioria da minoria—preferirá á rhetorica inflammada do parlamento o ar embalsamado e puro do Jardim Zoologico, na contemplação innocente e descuidosa das aráras emplumadas e dos papagaios palvadores.

E, de resto, no convivio dos papagaios, nenhum illustre pae da patria chegará a sentir a falta dos seus collegas parlamentares...



O sr. Visconde de Melicio continua a ser incontestavelmente o homem de mais recursos intellectuaes que cobre—selvo seja!—não diremos este abençoado torrão, mas este abençoado torresmo á beira-mar plantado!

Senão, vejam.

Melicio foi em tempo nomeado Moraes Sarmiento do nosso paiz, quer dizer, commissario geral de Portugal na exposição de Paris.

Se não foi nomeado isso, elle pelo menos assim o entendeu, como tal apresentando-se em Paris e mandando até imprimir dois centos de bilhetes de visita—cartão marfim—com os seguintes dizeres:

### *Le Vicomte de Melicio*

Commissaire général de Portugal

De repente porém o sr. José Luciano dá-lhe com a tabua n'um sitio improprio, que é como quem diz no sitio proprio, nomeando o sr. Marianno de Carvalho para superintender na nossa secção da exposição de Paris.

Lá se ia pois por agua abaixo a elevada posição social do sr. visconde de Melicio e os seus duzentos bilhetes de cartão marfim!

Outro que não fosse o visconde de Melicio e que não dispozesse sobretudo dos seus recursos imaginativos, teria para logo perdido a esperanza do commissariado geral e o dinheiro dos bilhetes de visita.

Elle, porém, não perdeu nem uma coisa nem outra.

Foi-se á typographia do Commercio de Portugal, pegou d'um *s*, d'um *u* e d'um *b*, applicou-o aos dois centos de bilhetes de visita e ficou sendo para todos os effectos:

### *Le Vicomte de Melicio*

Sub-commissaire général de Portugal

O *sub*, assim impresso em portuguez, tinha a vantagem de não ser entendido pelos francezes, dando até logar a suppor-se que era mais um titulo nobiliarchico adicionado aos titulos de vicomte e de commissaire général...



THEATROS

Tim-tim por tim-tim, revista do anno de Sousa Bastos, tres actos de charge, com scenario e guarda-roupa apparatusos.

# Othello



O Othello de Verdi, com Tetrzzini, Brogi e Battistini, foi a opera d'obliquo d'este anno.

Musica suprema, com uma execucao correcta, e um scenario magifico.

Esta audicao devera ter consolado os dilettanti, dos muitos fastios que este anno teem soffrido, e impo-lhes o dever de applaudirem com mais vivacidade e justica, uma musica que nao escreve ahi o primeiro manuseador de trombones, sem talento.

Augusto Baralho



HORTA DO SEU BENTO



SEM DESTAER EM QUEM ESTÁ PRESENTE A MARIA DOS RONTOS NOS II, E BEM BONITINHA...



É uma composicao bem humorada, de que o riso rebenta a barba longa, entre allusões e remosques, que sendo vivos, comtudo fogem do obsceno, com um pudor de boa sociedade.

Pepa é o sylpho que atravessa de lado a lado esta phantastica creacao de Sousa Bastos, não sabendo nós que mais admirar na revolta chanteuse; se a collecao de meias que ella exhibe, se a diccao petulante que imprime aos couplets do seu papel.

O publico fez um successo á cançõnetta do Arroio tyranno, acompanhada de côros, e ás coplas do Toureador, que Pepa detalhou com garbo e gentileza.

—Ah, meus amigos! Que desgraça! Que grandecíssima desgraça!  
 —O que foi? O que foi?  
 —Querem vêr que morreu afinal o seu irmão?!  
 —E' aquelle pobre imperador d'Allemanha! o Frederico! que por modos, coitadinho, não dá esperanças nenhuma de vida.

X

Depois da organização do comité anti-esclavagista, e da morte do Bombinhas (um moço de talho que empregou dez annos da sua vida a dar sovas de morte nos policias) o facto notavel da semana foi o artigo do *Correio da Noite*, dividindo a sociedade em consumidores e productores, e a phrase do *Diario de Noticias* a respeito das correntes d'ar — que elle, com a mais bella isempção, classificou de *prophetas da pneumonia*.

Nenhum jornalista, como se sabe, é propheta no seu jornal: d'outro modo o auctor da definição teria direito não sómente a um jantar de honra, com bacalhau assado e torrejano, como tambem á consagração publica pelo retrato a tres quartos, na tampa d'uma caixa de graxa ou de pastilhas.

Se bem que, mau grado a sua luminosidade e a sua firmeza, a definição do *D. de Noticias* me não pareça das mais scientificamente rigorosas.

Em boa logica, uma corrente d'ar pôde ou não pôde vir a ser o Ezequiel da pneumonia. Tudo depende da região do corpo sobre que incide, da sua intensidade

de sopro, do grau d'aquecimento, e até, collega, da insidia dos seus respectivos gases componentes.

E aqui me benzo eu da perfeita ingenuidade do *D. de Noticias* a tal respeito. Um jornal que tem á sua frente homens da competencia scientifica do sr. João de Mendonça, permittir-se d'estas ambiguidades, em assumptos de meteorologia popular! — *Oh ceus que vejo!* como dizia o Leone na Trindade.

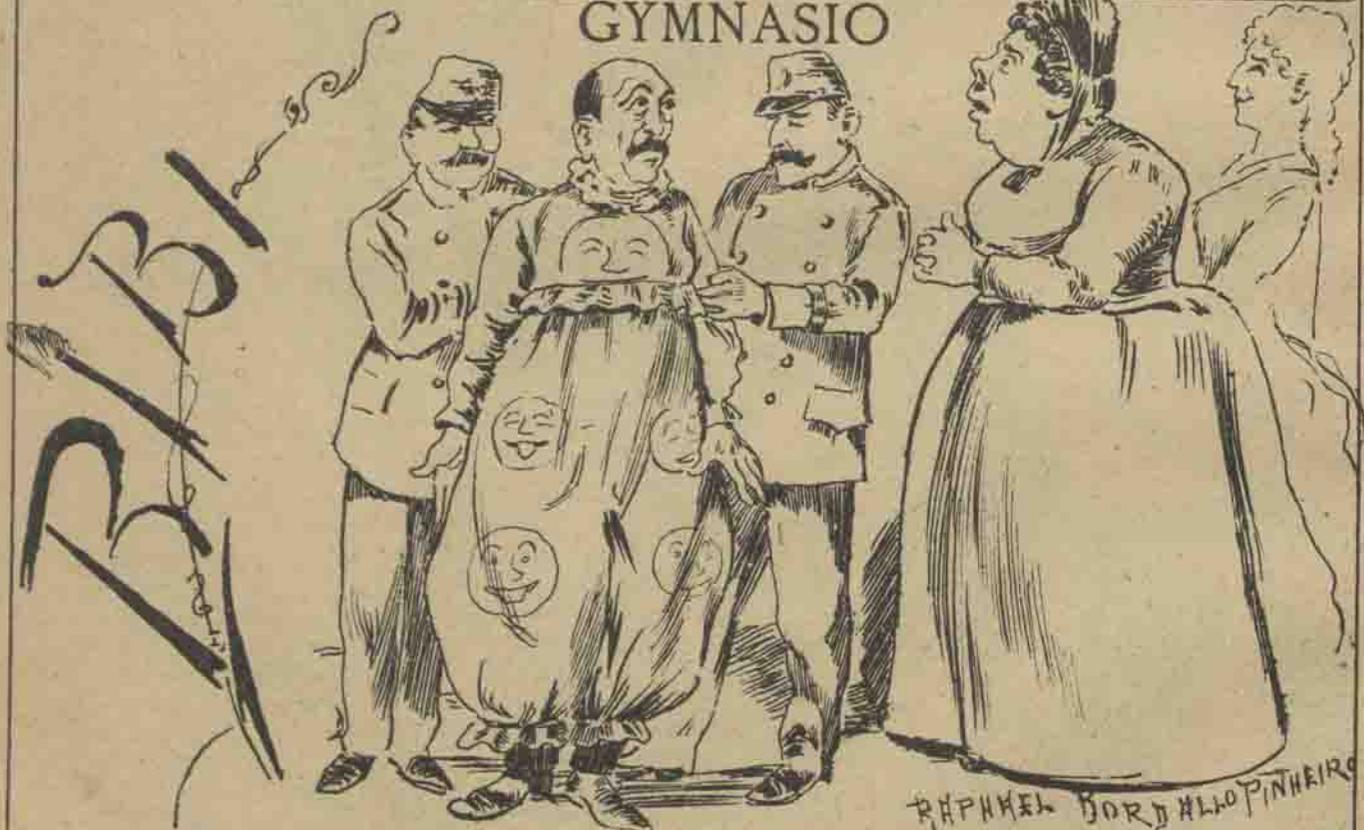
Supponha por exemplo o *D. de Noticias* uma corrente d'ar, intensa e brusca, traiçoeiramente dirigida contra os *dessous* d'um *toilette* de senhora.

Evidentemente o apocalypse que esta corrente d'ar, este propheta, (na phrase sempre do *D. de Noticias*) provocasse, poderia talvez chamar-se constipação ou corrimento (tudo dependeria da assoprada e da face anatomica assoprada), jámais pneumonia.

N'aquelles parallellos, collega, mulher alguma, mesmo cantora, pôde gabar-se de ter pulmões; as barbatanas mesmo, se existem, são rudimentares; e se uma ou outra vez, um suspiro se produz, em tom queixoso, cuido não ser de trama pulmonar que o som provém, senão do *pibroch* escocez que todos temos, senhoras e cavalheiros, escondido no ventre, salvo seja... para alguma escapadella de familia.

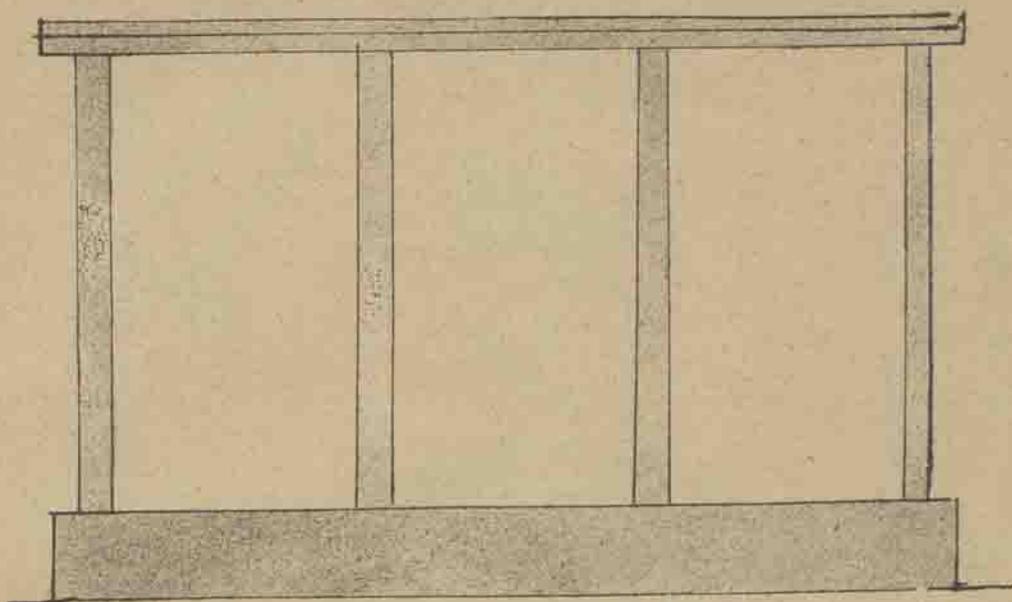
IRKAN.

## GYMNASIO



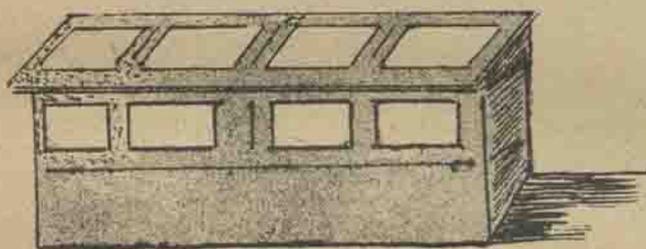
O *Bibi*, comedia em tres actos, por Moura Cabral, tem todas as graças descuidosas d'um imbroglio que se começou a escrever a rir, e em cujo final já se não poude disfarçar a fadiga d'um trabalho precipitado. Filia-se elle n'um genero de comedias que não tem escola, nem logica, nem senso; mas que como premio de consolação tem talento, e uma certa mocidade e alegria. Ora, nem sempre as nossas plateas estão dispostas a aceitar as *boutades* dos cultores d'esta litteratura descabellada e especial: d'aonde resulta applaudirem ellas uma noite, o que na noite seguinte já não poderiam aturar com a mesma despreocupação e bom humor. Em certas primeiras representações, a peça não cahc por não prestar, mas porque o publico que enchia o theatro não prestava. Não succedeu isto talvez na primeira noite do *Bibi*, que seja como for, lá continua ainda a dar enchentes. Vale, no *Bibi*, quasi egualou o successo do nosso Antonio Pedro no *Bébé*: e este elogio é na bocca do publico, tão corriqueiro já como o *B-a-ba*.

## A SECÇÃO PORTUGUEZA EM PARIS

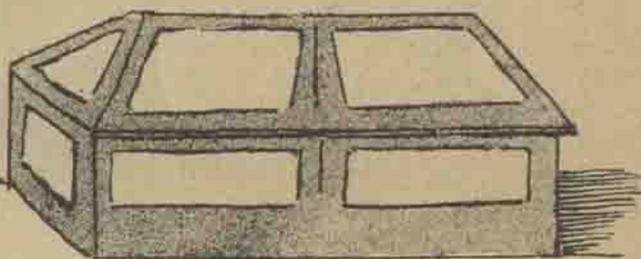


Modelo das vitrines-estantes em pinho pintado de preto, que cobrem as paredes da nossa secção no campo de Marte!...

### 1.º typo de vitrines centraes!...



### 2.º typo de vitrines centraes



E' este o typo das vitrines que enchem os 500 metros quadrados da nossa secção no Campo de Marte — no lado da Hespanha e dos Estados-Unidos! São vitrines de pinho, pintado de preto, envidraçadas por cima e pelos lados, — e sem o menor ornato, sem a menor pintura, excessivamente fúnebres, como se tratasse d'uma exposição dos ossos das victimas do terremoto de 1755!...

Modelo das vitrines de pinho pintado de preto. Lembrem caixões envidraçados para algum enterro de 5.ª classe. Melicio d'apunha-se a enterrar Portugal na vala commum dos paizes desacreditados pela sua incuria e pela sua imbecillidade!

Acabamos de receber de Paris os desenhos das vitrines que o sr. Melicio mandou construir ao estofador Allard, para com ellas mobilar e ornar o pavilhão portuguez no Campo de Marte, o unico pavilhão onde a Comissão Superior da Exposição de Paris mandou escrever este nome: — PORTUGAL.

As vitrines collocadas no meio da casa e as vitrines-estantes que adornam as paredes da nossa secção — são de pinho pintado de preto, sem a mais ligeira pintura decorativa, sem a mais ligeira ornamentação. É a triste e melancolica mobilia d'uma pobre casa de commissões, esperando amostras de tecidos para as estantes, esperando amostras de quinquilharia e vidros para as vitrines centraes!

Não pensem os leitores, que os nossos desenhos sejam puras caricaturas, com o unico fim de desprestigiar o sr. Melicio. São desenhos a serio e muito a serio, que um amigo nosso se deu ao incommodo de tirar no Campo de Marte, e de nol-os enviar, para podermos mostrar com documentos, quantos erros o sr. Melicio tem praticado em Paris, e por quantas vergonhas nos quer fazer ali passar.

Quanto ao famoso palacio de tres andares, situado no caes d'Orsay, ainda por emquanto se acha no dominio da fantasia de Melicio.

Emquanto os trabalhos de todos os paizes proseguem com uma actividade prodigiosa, — vê-se uma duzia de operarios pregando pregos n'uma carcassa de taboas e de barrotes que, a julgar pelo que está feito, deve estar concluida ahí para o anno de 1890...

E não querem os Melicios, os Silvas e outros Azas-de-môsa, que os azorraguemos em publico, — quando elles só pensam em nos convergoahar e em nos desaccreditar aos olhos dos estrangeiros!

## METEMPSYCHOSES DE MELICIO ÃZA



—Melicio em casa.



—Em jornalista, tendo o bonnet do obreiro sobre a fronte.



—Em transeunte, assistindo ao desfilhar dos acontecimentos.



—Em homem publico, com o bicornio de plumas cobrindo a caixa ossea aonde as mais pessoas tem o orgão do pensamento,



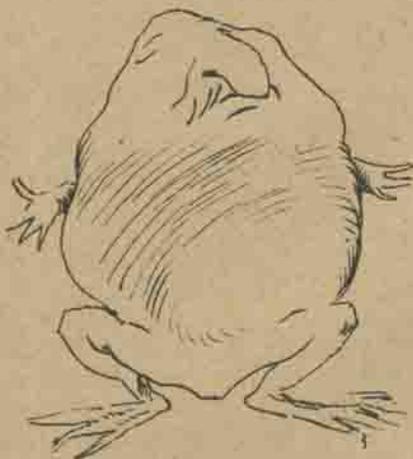
—Em nobre senhor medieval.



—Idem, mas já complicado de Silva Industrias e de batata da ilha.



—Em rã que queria ser mais grossa do que o boi.



—Em sacco de...



—Catrapum! Arreventou. A ver se achamos a pelle, que ainda se pôde mandar encher outra vez.